

ALUNOS COM TDAH: UMA METODOLOGIA MAIS ADEQUADA

Lara Fonseca Muniz Ribeiro¹

Larisse Fernanda Ferreira de Borba²

Valéria Gobbo Sousa³

RESUMO: o presente trabalho tem por objetivo analisar e discutir o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) principalmente no ambiente escolar, buscando assim informar, orientar e direcionar pais e professores sobre características, causas, intervenções e metodologias adequadas a serem trabalhadas com esses alunos de forma a incluí-los. A pesquisa tem como suporte o método bibliográfico que envolve os seguintes autores: Araújo (2003); Brandão ([s.d]); Moreno (2010); dentre outros. Ambos serviram de sustentáculo metodológico para direcionar a pesquisa entre fevereiro e maio de 2019. Os resultados mostram que, muitas das vezes, a formação pedagógica, não continuada, faz com que os professores confundam déficit de atenção com indisciplina. Todavia, em caso de dúvida o mediador do conhecimento deve informar aos pais e estes, buscarem ajuda de um profissional adequado, para que possa fazer o devido diagnóstico. Temos o propósito também de quebrar preconceitos criados de que os alunos TDAH não possuem atenção, constatando que estes possuem sim atenção, embora desfocada, ou seja, não se concentram em apenas um foco, mas em tudo que está a sua volta. Uma vez que são inteligentes e só necessitam de apoio familiar e de professores que busquem metodologias diferenciadas e adequadas, para instigar a curiosidade e facilitar a compreensão dos temas, em prol do desenvolvimento intelectual e bem estar social.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Metodologias. Professor. Aluno.

ABSTRACT: the purpose of this study was to analyze and discuss Attention Deficit Disorder and Hyperactivity Disorder (ADHD), mainly in the school environment, seeking to inform, guide and direct parents and teachers about the characteristics, causes, interventions and appropriate methodologies to be worked with these students to include them. The research has as support the bibliographic method that involves the following authors: Araújo (2003) Brandão ([s.d]), Moreno (2010) among others. Both served as a methodological underpinning to direct the research between february and may 2019. The results show that often the non-continuous pedagogical formation causes the teachers to confuse attention deficit with indiscipline, however, in case of doubt the knowledge mediator must inform the parents and they seek the help of a suitable professional, so that can make the proper

¹ Especialista em neuropedagogia e psicanálise. Graduada em Pedagogia pela Unopar. laramunizribeiro@gmail.com

² Especialista em neuropedagogia e psicanálise. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. larisse71@hotmail.com

³ Especialista em neuropedagogia e psicanálise. Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. valeriagobbo@hotmail.com

diagnosis. We also have the purpose of breaking prejudices created that ADHD students do not have attention, noting that they have rather attention, although blurred, that is, they do not focus on only one focus, but on everything that is around them. Since they are intelligent and only need family support and teachers who seek differentiated and appropriate methodologies, to instigate curiosity and facilitate understanding of the themes, for intellectual development and social well-being.

Key words: Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). Methodologies. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

“O século XIX foi de grande desenvolvimento das ciências médicas e biológicas, contexto em que as crianças que não acompanhavam seus colegas na escola passaram a ser designadas como anormais” (VIÉGAS e OLIVEIRA, 2014, p.42). Logo, surgiram variados diagnósticos diferentes, para sintomas diferentes.

Neste texto discutimos sobre um transtorno específico: o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O que é TDAH? Quais são as características, causas? Voltando para o lado da Educação, como trabalhar com o aluno TDAH na escola? Que metodologia utilizar ao se ensinar? Como ensinar? Todas essas problemáticas perpassam, a priori, pela questão de compreender o que é o TDAH e, a partir disso como direcionar a prática docente, em sala de aula, para efetivar o ensino e aprendizagem.

Primeiramente, fizemos um apanhado geral do que é O TDAH, mostrando que se trata de um transtorno que engloba vários fatores (causa genética, distúrbio bioquímico, é um transtorno neurobiológico). Segundo Maia (2015, p.73) “O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem como características básicas a desatenção, a agitação e a impulsividade”.

Em seguida, mostramos a importância de um diagnóstico do profissional especializado para que o professor não avalie o aluno somente de maneira intuitiva e saiba diferenciar indisciplina de hiperatividade, conhecendo o que se trata o TDAH para então desenvolver a melhor metodologia a ser trabalhada com o aluno portador do transtorno.

Por fim, pretendemos, com essa discussão, contribuir, orientar e direcionar os professores, que se interessarem, sobre características, causas e metodologias adequadas a serem trabalhadas com esses alunos, em sala de aula, de forma a incluí-los e promover o bem estar social.

A pesquisa originou-se de leituras teóricas e também de algumas discussões feitas no curso de pós-graduação Neuropedagogia e psicanálise sobre o TDAH e educação.

TDAH: O QUE É? CARACTERÍSTICAS E CAUSAS

Para iniciar a discussão devemos nos familiarizar sobre o assunto, tendo em mente os debates que surgem a todo o momento, sobre as temáticas relacionadas a ações cerebrais. “Com o desenvolvimento da ciência, os comportamentos humanos têm sido estudados a partir do modelo da biologia. Nessa perspectiva, os modos de pensar e agir são resultado do funcionamento cerebral, de neurotransmissores, da genética, etc” (VIÉGAS e OLIVEIRA, 2014, p.40). Assim sendo, o corpo humano responde aos comandos cerebrais e quando há uma “falha” neste sistema, mesmo que pequena, há déficit que transformam as atividades do indivíduo e por isso são taxados como anormais, ou seja, não estão dentro do padrão estabelecidos pela sociedade.

A cerca desta temática, diferentes autores falam sobre as peculiaridades do TDAH. Na visão de Araujo (2003, p.2) o TDAH é também chamado de Disfunção de Déficit de Atenção (DDA) e é definido como distúrbio biopsicossocial, ou seja, parece haver fortes fatores genéticos, biológicos, sociais e vivências, que contribuem para a origem e intensificação desse problema. Já para a Associação Americana de Psiquiatria o TDAH não é só um distúrbio de déficit de atenção, mas, um distúrbio bidimensional, que envolve a atenção e a hiperatividade (PEIXOTO, 2008, p.91-92).

Segundo MORENO (2010, p.6-7) esse transtorno é classificado em três tipos clínicos: Predominante desatento; Predominante hiperativo / impulsivo, Tipo misto ou Tipo combinado, corroborando com esta teoria de três características marcantes VIÉGAS e OLIVEIRA citam como a: “tríade sintomatológica clássica”, caracterizada por “desatenção, hiperatividade e impulsividade” (2014, p.46). Isto quer dizer que não há apenas um tipo específico de TDAH, ele pode ser classificado de acordo com a intensidade e subtipos. Já em relação ao aprendizado o TDAH pode ser denominado como: Transtorno da Leitura, também conhecido como “dislexia”, o transtorno da Expressão Escrita, também conhecida por “disgrafia”, o Transtorno da Matemática, também chamado de “discalculia”. Ou seja, o fator da “desatenção” do indivíduo ocasiona uma série de prejuízos para o desenvolvimento estudantil. Esse fator será analisado posteriormente.

Os traços do transtorno são mais perceptíveis nos anos escolares, pois as características que definem o TDAH são “[...] problemas na aprendizagem [...] dificuldades na percepção, conceitualização, linguagem, memória, controle da atenção, função motora e impulsividade” (ARAUJO, 2003,

p.8). Outras características são “[...] dificuldade em se concentrar; não conseguir ficar envolvida com uma coisa só; movimentar-se e conversar constantemente. Outro sintoma é a impulsividade [...]” (ARAUJO, 2003, p.2). Dentre estes aspectos é possível notar que o distúrbio é mais frequente em meninos, ao menos é mais notável e recorrente isso não descarta que as meninas também possam, porém os sintomas são menos perceptíveis. Reafirmando esta ideia, Santos cita Barkley (2002) e Rohde&Halpern, (2004) “O transtorno apresenta uma prevalência de 9:1 de meninos para meninas, em amostras clínicas” (2010, p.718).

Por estas especificidades é incomum antes do período escolar descobrir o transtorno.

A criança não consegue aprender a ler normalmente, tem dificuldades de abstração, apresenta problemas em tarefas que exijam coordenação viso motora; sua escrita, cópia e desenhos são inadequados e com problemas perceptivo motores. É considerada desajeitada, sem equilíbrio e sem ritmo, ou seja, sua coordenação, no geral, é deficitária (ARAUJO, 2003, p.8).

Geralmente esses aspectos característicos do TDAH, onde o aluno apresenta certas dificuldades motoras, são perceptíveis quando o aluno ingressa na escola, com idade entre 6 a 10 anos. Estes educandos não conseguem seguir o mesmo ritmo das outras crianças e acabam por se zangarem, tendo muitas vezes condutas que incluem comportamento desafiador, não respeitando limites e enfrentando os adultos. Até que o seu transtorno seja detectado, o indivíduo passa por diversas situações onde recebem atributos pejorativos “[...] são tidos como “avoados”, “vivendo no mundo da lua”, geralmente “estabanados” e com o “bicho carpinteiro” (ARAUJO, 2003, p.2). Todos esses termos condizem com as ações de falta de atenção, entre outros aspectos, e contribuem para que a criança/adolescente sinta-se frustrado ou mesmo como fracassado diante das atividades desenvolvidas pelas outras pessoas.

“A criança portadora do TDAH, nos demonstra com mais precisão as características da doença em idade escolar” (ARAUJO, 2003, p.1). É na escola devido ao contato direto, diário e regido por normas que facilita essa identificação do TDAH. Apesar de ser na escola que o transtorno torna-se mais visível e possível detectá-lo que desde o nascimento. Sendo algumas características a dificuldade de alimentação e sono, inquietude, irritação, cólicas acentuadas. A família por si só não consegue na maioria das vezes fazer a ligação, ou até pela não aceitação desses sintomas como sendo típico

do TDAH, por isso faz necessário a comprovação feita por um profissional especializado (MAIA, 2015, p.77).

Após identificar o transtorno na criança, que é geralmente identificado no ambiente escolar (e não diagnosticado), é preciso que a ação do professor seja conjunta com pais, médicos e terapeutas. Visto que, a criança/adolescente que apresenta sintomas condizentes com algum tipo de transtorno, à primeira atitude a ser tomada é comunicar aos pais ou responsáveis, para que estes possam encaminhar para um profissional da saúde a fim de um diagnóstico preciso. É necessário ressaltar que apenas um profissional da saúde com formação e treinamento pode diagnosticar o problema, a este respeito Santo relata em seu texto “O diagnóstico do TDAH é fundamentalmente clínico” (Santos apud Araújo, 2002; Rohde& cols., 2000; pág. 718). Somente após este diagnóstico é que o professor pode estabelecer, selecionar e implantar as metodologias adequadas para trabalhar com o portador do transtorno, contribuindo assim para o desenvolvimento formal (escola) e social do aluno TDAH.

PÓS-DIAGNÓSTICO: O PROFESSOR E AS NOVAS METODOLOGIAS PARA TRABALHAR COM O ALUNO PORTADOR DE TDAH

O desenvolvimento da ciência trouxe consigo a padronização dos indivíduos, aqueles que apresentam atitudes diferentes são designados como “anormais” (VIÉGAS e OLIVEIRA, 2014, p.42).

Esta padronização dos indivíduos ocasionou a criação de uma série de estereótipos e preconceitos, desta forma é necessário inteirar-se sobre o assunto, para não haver a rotulação das pessoas.

Desse modo, no que tange ao ambiente escolar o professor precisa compreender sobre o que é TDAH para não classificar erroneamente seu aluno como “aluno problema” ou “indisciplinado”. “Os sintomas da indisciplina e da hiperatividade são semelhantes, mas há diferenças comportamentais que diferenciam a hiperatividade” (ARAUJO, 2003, p.1). Muitas vezes a falta de preparo e de conhecimento, juntamente com o transtorno prejudica a forma desse aluno de se relacionar socialmente.

Entretanto, vale ressaltar que não é função do professor diagnosticar o problema, pois este não foi preparado para lidar com este tipo de procedimento. Santos descreve que “No sistema de educação brasileiro não é incomum a presença de professores, em sala de aula, diagnosticando de

maneira intuitiva os estudantes que apresentam padrões de comportamentos que perpassam o TDAH” (SANTOS, 2010, pág. 720).

Por este motivo, para não diagnosticar de maneira intuitiva os alunos, é preciso que o professor saiba diferenciar indisciplina ou mau comportamento de TDAH, pois, isto “[...]acaba prejudicando, de forma significativa, o processo de ensino - aprendizagem dos alunos” (MAIA, 2015, p.74). Porque a falta de concentração, mau comportamento e indisciplina não significam ser portador do transtorno, estas questões depende boa parte do sistema nervoso. Vale frisar também que além da hiperatividade o distúrbio detém mais do que este sintoma, logo não é baseado em apenas um indício que o TDAH será diagnosticado.

[...] pessoas com TDAH passam boa parte de sua vida sendo consideradas incapazes, tendo sua auto-estima rebaixada apresentando dificuldades em relacionar-se socialmente [...] as escolas ainda deixam muito a desejar, confundindo TDAH com indisciplina, má vontade, preguiça, má fé (ARAUJO, 2003, p.1).

Se no ambiente escolar o tratamento com o aluno for encarado pelo viés da indisciplina, da preguiça, provavelmente existirá uma grande dificuldade desse aluno de relacionar socialmente criando uma barreira principalmente com o professor. Como consequência, vários outros problemas serão acarretados, dentre eles a repetência, abandono dos estudos, depressão, ansiedade, transtorno de condutas, uso de drogas etc (ARAUJO, 2003, p.3). Então, outros problemas também estão relacionados com o TDAH. Derivam deles problemas comportamentais que por sua vez, não deixam de ser sociais e configuram até mesmo como desvio de conduta e caráter, agindo sobre a impulsividade uma vez que não há um ambiente estimulador, confortável, corroborando para o não crescimento emocional, social e cognitivo do mesmo.

É importante salientar que os professores necessitam romper com alguns estereótipos criados a cerca do aluno TDAH. Deve estar consciente que dependendo da sua doação poderá exercer influência positiva e ou/ negativa no aluno (MORENO, 2010, p.17). Voltando para o ambiente escolar, o professor mediante suas ações podem colaborar com aquele aluno motivando e auxiliando ou pode exercer influência negativa, rebaixando e diminuindo o aluno. Todos esses estereótipos já mencionados são porque, muitos profissionais sem conhecer o transtorno são levados, pelo senso comum, a dizerem e perpetuar o discurso de que os alunos TDAH “não prestam atenção”, característica criada socialmente, e que será debatida posteriormente, já que estes podem se mostrar bastante atenciosos.

As crianças com TDAH são frequentemente acusadas de "não prestar atenção", mas na verdade elas prestam atenção a tudo. O que não possuem é a capacidade para planejar com antecedência, focalizar a atenção seletivamente e organizar respostas rápidas (ARAÚJO, 2003, p.2).

O aluno TDAH tem atenção, talvez até mais do que os outros. O problema é que, possuem algumas dificuldades como não conseguem focalizar em uma única coisa. São extremamente atenciosos em várias coisas ao mesmo tempo, principalmente naquilo que é de interesse deles. “A criança, por exemplo, que não presta atenção à aula, mas presta muita atenção ao jogo, não revela distúrbio de atenção, típico da hiperatividade” (MAIA, 2015, p.76). Presta atenção ao jogo porque é atrativo, desperta interesse, é prazeroso e isso revela que possuem concentração, logo não podem ser classificados como hiperativos. Ser Hiperativo é não conseguir se concentrar em uma atividade e nem realizá-la por completo. Sua atenção se dispersa antes que esta seja efetivada, transferindo sua atenção para outra operação. Entretanto, isso não quer dizer que o indivíduo tenha ausência de inteligência, já que, “O TDAH não afeta a inteligência do aluno, mas a sua aprendizagem, pois em uma sequência de exercícios, operações ele possivelmente consiga fazer duas, conseqüentemente não veja as outras ou esqueça algum sinal” (MORENO, 2010, p.14).

Porém é preciso que o professor tenha em mente que cada aluno tem seu tempo de aprender. Alguns são de forma instantânea, outros aprendem em longo prazo. Além do mais, essa aquisição do que foi ensinado depende significativamente da metodologia adotada, por isso é preciso sempre reassignificá-la, reinventá-la para atingir a todos, principalmente porque “[...] os estudantes com TDAH precisam de um tempo maior para internalizar o que foi ensinado” (MAIA, 2015, p.80). Dentro deste viés, para haver uma boa instrução é necessário professores capacitados, assim:

os profissionais da educação necessitam ser respaldados, subsidiados na sua ação pedagógica no sentido de fortalecimento teórico-metodológico do ato de ensinar, vislumbrando conscientemente, novas práticas pedagógicas que contribuam para a formação qualitativa dos estudantes, dentro e fora da sala de aula. (FORTUNATO, 2011, p.7376 e 7377)

Embora a sala de aula seja um meio em que prevalece a heterogeneidade, o papel do professor em relação ao aluno com TDAH não é igualar, mas, proporcionar a todos a mesma oportunidade de aprender,

relevando as especificidades de cada um. Em outras palavras, ter aprendizagem, visando o bem estar social e a inclusão.

É imprescindível a avaliação de sua prática (O que conservar? ou o que mudar?), porque não está cumprindo seu papel. Nesse sentido, transformar a didática, a prática pedagógica adotada não está desvinculado da difusão de conteúdos. Até mesmo porque “[...] É necessário viabilizar as condições de sua transmissão e assimilação” (SAVIANI, 2008, p.18). Tais alunos carecem e necessitam de uma educação especial, que engloba pedagogias, metodologias diferenciadas a fim de efetivar o ensino aprendizagem, de contribuir para um bom rendimento escolar com menos repetência e evasão. Sobretudo de contribuir para que forme cidadãos ativos e competentes sem dificuldades emocionais e sociais.

A fim de efetivar o ensino aprendizagem da criança com TDAH e contribuir para um bom rendimento escolar, o aluno precisa receber elogios por parte do seu professor, ser motivado e sentir importante ao desempenhar alguma tarefa corretamente. Araujo (2003, p.7) cita Goldstein (1999) para mostrar que é preciso “Tornar as tarefas interessantes e fazer a recompensa valer a pena parece ser extremamente importante para pessoas com TDAH”. Todos esses aspectos de recompensar o aluno e elogiá-lo parecem ser simples, mas acabam por facilitar e motivar a aprendizagem na escola. “A escola enquanto instituição de ensino, voltada para a construção e aquisição do conhecimento e de habilidades, torna-se válvula impulsionadora” (FORTUNATO, 2011, p. 7377). No entanto, quando estas formas diferenciadas de trabalhar com os alunos de TDAH não são postas em prática ou mesmo colocadas de forma errada acabam por bloquear a atenção e conseqüentemente o conhecimento. Refletindo no aluno em forma de recusa, negação, indisciplina.

É preciso entender que a criança age de uma determinada maneira não para afrontar ou desrespeitar o adulto e/ou a pessoa de sua convivência, mas porque possui necessidade física, psíquica, emocional e cognitiva de extravasar toda a energia contida dentro dela (Fortunato, 2011 p. 7380).

Além das estratégias já mencionadas outras a serem inseridas pelo professor de forma a atender as necessidades do aluno TDAH e contribuir para o aprendizado na escola perpassam, por modificações curriculares e simples ações rotineiras em sala de aula, como: colocar seu aluno na primeira fila, longe de janelas ou outros objetos que possam lhe tomar a atenção com

facilidade, desta forma este terá mais chances de obter êxito em sua concentração no conteúdo ministrado pelo professor.

[...] estratégias e intervenções que serão implementadas para o atendimento desse aluno. Tais estratégias envolvem: modificação do ambiente, adaptação do currículo, flexibilidade na realização e apresentação de tarefas, adequação do tempo de atividade, administração e acompanhamento de medicação, etc. (ARAUJO, 2003, p.6).

É fundamental ter a perspicácia de que todas essas estratégias podem funcionar conjuntas, adaptando o currículo ao aluno TDAH, organizando o tempo das atividades na sala de aula, trabalhar com o lúdico sem descartar o acompanhamento de um psicólogo e da utilização de medicamentos. Uma vez que os alunos TDAH, nos dias atuais, são tratados com fármacos (que geram discussões de adeptos e contrários a este instrumento), Viéga (2014, p.49) referindo-se a Rohde et al. (2000, p. 9) cita: o tratamento “envolve uma abordagem múltipla, englobando intervenções psicossociais e psicofarmacológicas”.

Contudo, a cerca das metodologias a ser trabalhadas com estes indivíduos, Araujo (2003, p.8-9) mostra que segundo os psiquiatras Mônica Duchesne e Ênio Roberto de Andrade (ABDA, 2002) “pode-se usar métodos didáticos alternativos para melhoria do comportamento e desenvolvimento pedagógico da criança hiperativa: Trabalhar com pequenos grupos, sem isolar as crianças hiperativas, dar tarefas curtas ou intercaladas, para que elas possam concluí-las antes de se dispersarem, elogiar sempre os resultados, valorizar a rotina, dar uma função oficial às crianças, como ajudantes do professor; isso faz com que elas melhorem e abram espaços para o relacionamento com os demais colegas”.

Maia (2015, p. 81) cita a Associação Brasileira de Déficit de Atenção-ABDA/2012, p.1, e nos diz que o professor pode-se valer de alguns recursos que talvez sejam encarados como banais: “[...] dar aula com materiais audiovisuais, computadores, vídeos, DVD, e outros materiais diferenciados como revistas, jornais, livros, etc. [...] Etiquetar, iluminar, sublinhar e colorir as partes mais importantes de uma tarefa, texto ou prova” [...]. Todos esses recursos servem para chamar a atenção do aluno e intensificar o ensino- aprendizagem, quando um recurso não estiver atendendo as necessidades do aluno TDAH cabe ser flexível, re significar e mudar por outros.

Portanto, o professor só é capaz de ter essas perspicácias e identificar, ajudar o aluno com TDAH se tiver uma boa formação. Caso não

tenha é recomendável que busque uma formação continuada que auxilie sua prática pedagógica e inclua esses alunos na escola. É visto que existem inúmeros métodos didáticos alternativos para se trabalhar com esses alunos de forma a ajudá-los, porém é fundamental o anseio em buscá-los e praticá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por uma educação eficaz, plena e não padronizadora ainda está em construção, pois nem todos os alunos são atingidos da mesma forma pelo mesmo método, isso se ratifica com alunos portadores de TDAH ou com algum outro transtorno.

Discutimos anteriormente vários aspectos e características dos indivíduos TDAH, apelidos pejorativos e preconceituosos que são dirigidos a eles como de “preguiçosos”, “anormais”, “indisciplinados”, “desatentos” e as maneiras de identificar o transtorno nos anos escolares e a forma correta de fazer o diagnóstico clínico.

A priori fizemos um apanhado geral do que seria o TDAH. Mostramos que as causas do mesmo está ligada a inúmeros fatores, “[...] as causas do TDAH ainda são incertas, considerando-se que esse transtorno seja o resultado de fatores genéticos e/ou biológicos somados a questões ambientais” (MAIA, 2015, p.75).

Posteriormente foram discutidas algumas metodologias que o professor pode adotar com seu aluno TDAH e quais são os benefícios dessa prática consciente. “[...] metodologia, diferenciada, propiciará um ambiente, adequado para a aprendizagem, estimulará, incentivará e abrirá novos caminhos para mais conhecimento e autoconfiança, essenciais para uma boa relação professor-aluno” (MAIA, 2015, p.81).

Diante de todas estas questões podemos concluir que o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade não é um “bicho de sete cabeças” que irá separar o portador do transtorno do resto do mundo ou que ele nunca tenha êxito em suas atividades escolares. Temos a capacidade de manusear e processar procedimentos diferenciados para fazer com que este indivíduo se desenvolva socialmente e intelectualmente, por conseguinte são necessários dedicação e empenho de educadores e tutores.

REFERÊNCIAS:

ARAUJO, Mônica; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. Comportamentos indicativos do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças: alerta para os pais e professores. *Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em crianças*. Revista Digital - Buenos Aires - Año9 - Nº 62 –Jul, 2003.

BRANDÃO, Marcus Lira. *AS BASES BIOLÓGICAS DO COMPORTAMENTO: INTRODUÇÃO À NEUROCIÊNCIA. ATENÇÃO*. P.165-178. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 2004. 223p. Ilus. ISBN 85-12-40630-5

FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. *A escola e o tdah: práticas pedagógicas inovadoras pós- diagnóstico*. X congresso nacional de educação-EDUCERE. Pontifícia universidade católica do Paraná-curitiba, 7 a 10 de novembro de 2011

MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. *TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação*. Perspectiva, Erechim. V.39. N.148, p.73-84, Dez, 2015.

MORENO, Magali Moedinger. *O aluno com TDAH no processo Ensino-Aprendizagem*. In: MORENO, Magali Moedinger. O professor PDE e os desafios da escola publica Paranaense. Paraná, v.III, 2010.

PEIXOTO, Ana Lúcia Balbino; RODRIGUES, Maria Margarida Pereira. *Diagnóstico e tratamento de TDAH em crianças escolares, segundo profissionais da saúde mental*. Aletheia 28, p.91-103, jul./dez. 2008.

SANTOS, Letícia de Faria; VASCONCELOS, Laércia Abreu. *Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade em Crianças: Uma Revisão Interdisciplinar*. Universidade de Brasília, Out-Dez 2010, Vol. 26 n. 4, pp. 717-724

SAVIANI, Dermeval. Escola e Saber Objetivo na perspectiva histórico-crítica. In: SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.